

para enfrentar o ecológico discurso da ordem. Mais do que isso, estabelece relações tensas com as proposições recentes procedentes de Murray Bookchin e John Zerzan.

filosofar onde o rio é mais quente

SALETE OLIVEIRA

Jorge Vasconcellos e Guilherme Castelo Branco. *Arte, vida e política: ensaios sobre Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro, Edições LCV, 2010, 136 pp.

Onde o rio é mais quente. Instantes, quando o Rio é mais quente. É raro tomar um livro nas mãos e sentir esta quentura. Mais raro, ainda, é lê-lo e descobrir ali este calor. Um livro escrito por dois filósofos que é capaz de afogar um leitor, por seu frescor. *Um livro-ensaios* de dois, Guilherme e Jorge, a partir de dois, Foucault e Deleuze.

Um livro que se inicia por uma apresentação dos autores na qual o que a finda dá o tom de sua própria filosofia. Guilherme e Jorge fazem questão de explicitar e agradecer a quem são seus amigos. Não para fazer o círculo tautológico que reitera o filósofo em sua definição semântica da grandeza exegética da palavra filosofia e, tampouco, acomodar-se no refúgio professoral da História da Filosofia. “Gostaríamos de deixar claro quem são os nossos amigos no pensamento e na vida” (p. 18). É um desses amigos que

Salette Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol e professora no Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP.

também os prefacia, com exuberância rara nos conta como o livro destes filósofos arteiros *o pegou e o levou*.

Isto é um detalhe minúsculo, sim, mas é o da maior importância. Maior importância do menor. *Te encontro no baixo*. Distante da aspiração à maioria filosófica. Próximo à quentura das pedras que suam no arpoador. Nada da arbitrariedade política das linhas imaginárias que perfazem latitudes e meridianos. Apenas ali, minúsculo, artista, vivo. *Arte, Vida e Política: ensaios sobre Foucault e Deleuze*. Apenas ali, vivo. Pronto a ser tomado nas mãos.

E o leitor se pergunta: Como um livro desses pode receber edição tão descuidada? A diagramação o comprime e seu tom é de *enlarguecer*. Os lapsos de revisão da editoria expressam negligência apressada, destoando da escrita apurada dos autores. Como pode? A edição de uma publicação é mais e menos do que colocar um livro para rodar. É algo distinto do que dispô-lo em gôndolas.

Publicar um livro desses é um presente para qualquer editora. Publicá-lo é trabalho que exige paciência, releituras, letras próprias e gos-to-sas de ler, margens espreiadas que deixem respirar a potência do texto...

E isto também diz respeito à arte, vida e política. Menores, sim. Foucault, em certa ocasião, disse que seu sonho era ter uma editora que publicasse pesquisas e os efeitos contundentes delas, não como o papel que caberia ao *Filósofo* na “publicização do pensamento”, como idealizou Kant ao distinguir a razão privada da razão pública, mas talvez próximo ao que Foucault situava, também, como estética da existência, roçando o próprio Deleuze ao se referir a Foucault, quando dizia que para ele pensar é um ato arriscado. Práticas menores, sim. *Te encontro no baixo*...

E o leitor se descobre arremessado lá onde nada está disposto de antemão.

Lá onde se inventa um povo com Jorge Vasconcelos em seu “Materialismo e Vitalismo: a estética de Gilles Deleuze”, quando sublinha que, para Deleuze, não se trata da estética do belo ou do gosto, e muito menos dos clichês, mas do “estilo pensado como uma marca do fazer, do praticar singularmente uma forma de expressão artística, mas também como um modo de fazermos-nos a nós mesmos, de cunhar nossa subjetividade por intermédio de exercícios de liberdade e de práticas libertárias” (p. 20). Lá, onde se inventa um povo, onde Deleuze também foi a Nietzsche, para retomá-lo em *ritornelo*, quando este afirmava que onde há Estado cessa de haver um povo.

No disparate, nos baixos começos...

Lá, na diferença realçada por Guilherme Castelo Branco em “Anti-individualismo e vida artista”, onde mostra Foucault, situando a impossibilidade de confundir “vida artística” e “vida artista”, quando a estética da existência não cabe na vida conformada. No disparate, nos baixos começos. E lá, onde Foucault prefacia Deleuze, Guilherme Castelo Branco situa a precisão agonística das lutas. “Entre as estéticas da existência e as lutas contra as variadas formas de fascismo e assujeitamento existe uma cumplicidade inegável: elas só podem acontecer num efetivo campo de afrontamento entre as forças distintas, no interior das relações de poder, nas quais a agonística comparece a todo instante, inclusive no mundo pessoal e subjetivo de todos nós, pelo menos no dos mais inquietos” (p. 35).

... o embate não dá sossego.

E nos baixos começos do embate, o teatro e a filosofia, por Jorge Vasconcelos, lança-nos a Deleuze e Carmelo Bene, a um movimento do próprio pensamento de Deleuze, a Foucault com seu teatro filosófico e à sua noção de instauração, a Nietzsche por Deleuze, instaurando a filosofia como teatro, não da metáfora ou da semelhança, mas de um Zaratustra tão dionisíaco e zombeteiro, deixando o sossego cansado da história da filosofia em um lugar incontornável. E atravessando Beckett, Artaud e Bene, Jorge Vasconcelos situa a diferença inconfundível colocada por Deleuze entre a esterilidade dramática do cansaço e a potência trágica do esgotamento.

E o embate não dá sossego. No meio, entre duplos, caras a Foucault e valorizados nele por Deleuze.

O lance de dados de Guilherme Castelo Branco, explodindo para o exterior de Mallarmé, vem encontrar ressonâncias em percursos de gagueira provenientes de Deleuze, onde é preciso ser estranho à própria língua como modo inusitado de descobri-la e fazê-la menor, frontal ataque aos organismos de toda ordem. E da sonoridade visual do poema transversal, desloca-se para o desnudamento da representação das palavras e das coisas com Jorge Vasconcelos na companhia de Foucault, para se chegar a Deleuze e Francis Bacon, atravessando a captação e a dispersão das forças, a contraposição da música e da pintura. E desaguando no corpo intenso, desta intensidade desmedida, sem medida, desdobra-se a recusa da representação.

E a vida nos trópicos ao sol, trazida por Jorge Vasconcelos, re-situando a antropofagia pelo modernismo, possibilita ao leitor seguir outras dobras. Também distantes da do Leibniz de Deleuze, para encontrar outras proce-

dências antropofágicas num Gregório de Mattos, o boca de inferno, em meio a muito sexo e iconoclastias para re-encontrar outros disparates, nos quais não cabe Estado, nem céu, nem inferno, e se fartar com um bispo sardinha moqueado. Onde há Estado cessa de haver um povo. Não há destino... *Deixa o acaso*. Nos baixos começos, o disparate. E o embate não cessa, não dá sossego. Nele, Guilherme Castelo Branco põe na arena o confronto entre o desacato de uma Antígona e a dissimulação sonsa, obediente de uma Ismene. Expõe para a política o intolerável da tolerância.

E o leitor se descobre arremessado lá onde nada está disposto de antemão, como forma de acomodar os “vacionados” à acomodação, seja por inércia, seja pela facilidade dos repisados itinerários e suas infundáveis alternativas subjacentes. Da recusa à acomodação é que Guilherme Castelo Branco, duplamente com *verve*, finda o livro, trazendo a cantiga de infundáveis elefantes entoada pela criança que o cerca e dispara sua escrita, a pequena Clarice. *Deixa o acaso*.... Um filósofo que se atira sobre a brancura do papel ou da tela de um difícil começo diante de um tema, de um problema, instigado pelo entoar alegre e leve e até mesmo irritante de uma criança. Sem escusa.

E é com requinte diante de *um incômodo*, muito mais do que só entre o Rio e Pernambuco e as quase esquecidas camélias do Leblon, que Guilherme Castelo Branco afronta os execráveis resíduos oligárquicos, escravocratas, *familiares* na naturalização cotidiana do “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Em seu requinte de humor e mordacidade, situa, como poucos, a noção de assujeitamento, elaborada por Foucault, para afirmar os efeitos da vida acomodada e a diferença abismal de uma vida artista.

Filosofar onde o rio é mais quente

“O bom comportamento recebe por sua vez uma boa paga, como é uma vida grande, sem vicissitudes e sem maiores ameaças ou riscos. Neste mundo dos assujeitados, feito em nome do bem-estar, em nome do bom comportamento, em nome do silêncio, a melhor coisa a fazer é culpar os elefantes pelo incômodo: são eles, sobretudo que incomodam muita gente” (p. 131).

No meio do *entre* tecido por Guilherme e Jorge, ressoa um convite a uma nova forma de fazer filosofia. Arejada, com cheiro de maresia, sem temor do sol do meio dia, descontraída e distante dos reverenciados redutos esclarecidos e normalistas. E não é de surpreender que invada noite adentro entre risadas desprovidas de bons mocismos.

... Deixa o acaso... te encontro no baixo...